

IX Encontro Nacional de Estudos do Consumo
V Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
III Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo
Consumo e gênero: repensando o consumo a partir da produção da diferença
21,22 e 23 de novembro de 2018
ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing Rio de Janeiro/RJ
Grupo de Trabalho 5: Tendências do Consumo Alimentar.

O ESTRUTURALISMO GENÉTICO DO EATING OUT

Schubert, Maycon NoreMBERG¹

Schneider, Sergio²

Díaz Méndez, Cecilia³

RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar os sentidos e significados da prática do comer fora a partir dos indivíduos e seus coletivos, porém, indo além dessas definições, que muitas vezes são contraditórias – como se evidenciará quando comparados os dados do Brasil, Espanha e Reino Unido –, buscando explicar o motivo que levam os atores a ver essa prática de uma ou outra forma, ou seja, a pergunta central é: “o que está na gênese dessas estruturas subjacentes a tal prática?” Por outro lado, pretende-se ir mais adiante das definições mais restritas aos espaços, se ‘dentro’ ou ‘fora’ – consumido ou preparado –, que se supõe ter origem nos conceitos e definições historicamente utilizados pelos órgãos de estatística oficial de Estado. Ao final, se propõe um quadro de referência que reconstitui esse binômio entre o ‘dentro’ e o ‘fora’ a partir de uma dualidade – e não um dualismo – tendo em conta não somente a espacialidade, mas também questões que envolvam rotina, conteúdo e companhia. Os dados utilizados para esse artigo provêm de duas grandes fontes. A primeira fonte advém dos dados estatísticos oficiais dos países em questão, principalmente os que se destinam a investigar os gatos com alimentação. No Reino Unido foram pesquisados os relatórios disponibilizados pelo DEFRA (*Department for Environment, Food & Rural Affairs*) e pela ONS (*Office for National Statistics*). Na Espanha foram pesquisados os relatórios do MAGRAMA (*Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente*), e também do INE (*Instituto Nacional de Estadística*). No Brasil foram analisados os relatórios do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), principalmente da POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares). A segunda grande fonte de dados advém de três grandes projetos de pesquisa, conduzidos por diferentes grupos de investigação em cada um dos países aqui comparados. Do Brasil os dados advêm das três edições de pesquisas sobre Hábitos Alimentares dos Brasileiros (2005, 2011 e 2015), conhecidos como HA I, II e III, por meio das quais foram analisadas 101 entrevistas com Grupos Focais. Do Reino Unido os dados foram cedidos do projeto “Re-visiting ‘Eating Out’ in London, Preston and Bristol (UK) 1995-2015”, tendo sido analisadas 31 entrevistas semi-estruturadas. Da Espanha os dados foram cedidos pelo projeto “*La alimentación fuera del hogar en Europa: un análisis comparado de los modelos alimentarios extradomésticos en España y Reino Unido*” – conduzido em 2014 –, a partir do qual 51 entrevistas foram analisadas. Ao final, conclui-se que a prática do comer fora é melhor conceituada a partir de três dimensões: os

¹ Professor no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Brasil), maycon.schubert@ufrgs.br.

² Professor no Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Brasil), schneide@ufrgs.br.

³ Professora no Departamento de Sociologia da Universidade de Oviedo (UNIOVI/Espanha), cecilia@uniovi.es.

menus (conteúdo), os espaços (local de preparo e consumo) e a sociabilidade (companhia). Todas essas três dimensões devem ser analisadas, ainda, sob o prisma das rotinas, por meio da qual as práticas sociais se reproduzem (dentre elas o comer), ou seja, “ [...] os corpos são movidos, os objetos são manipulados, os sujeitos são tratados, as coisas são descritas e o mundo é entendido” (Reckwitz 2002b, pg. 250). Como resultado chegamos a uma tabela – mesmo que limitada em termos de outras possíveis categorias que ainda possam ser criadas –, onde analisamos essas três dimensões de forma concatenada em alguns casos empíricos, buscando definir as práticas do comer, tanto dentro como fora, como um *continuum*. Porém, demonstrando as causas que levam os indivíduos a entrarem em contradição quando definem tal prática. Propondo, assim, que a grande maioria das práticas em que se come correspondem ao comer fora, sendo que somente em uma única situação o comer dentro se apresenta de forma ‘pura’ – quando se come em casa (espaço), com o núcleo familiar próximo (família ou amigos) um conteúdo já conhecido (menu) – sendo que as matizes sob as quais essas práticas se apresentam oscilam em termos de gradações e níveis hierárquicos, ora o ‘fora’ se sobressaindo, ora o ‘dentro’, porém quase sempre de forma dual e relacional, porém não excludentes.

Palavras-chave: Comer, Sociabilidade, Menus, Espaços, Dualidade.

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze the meanings and meanings of eating out practices from individuals and their collectives. Going to beyond of these definitions, which are often contradictory - as will be evidenced, when comparing data from Brazil, Spain and the United Kingdom -, we have tried to explain the reason that lead the actors to see this practice in one form or another. Therefore, the central question is ‘what is in the genesis of these structures underlying such practice?’ On the other hand, we intended to go beyond the more restricted definitions to spaces, whether 'inside' or 'outside' - consumed or prepared -, which is supposed to originate in the concepts and definitions historically used by State Statistical Agencies. In the end, we proposes a reference framework that reconstitutes this binomial between 'inside' and 'outside' from a duality - not a dualism - taking into account not only spatiality, but also issues involving routine, content and company. The data used for this article comes from two major sources. The first source comes from the official statistical data of the countries concerned, especially those that investigate food expenses. In the United Kingdom were searched the reports provided by DEFRA (Department for Environment, Food & Rural Affairs) and the Office for National Statistics (ONS). In Spain were investigated the reports of MAGRAMA (Ministry of Agriculture, Food and Environment) and INE (National Institute of Statistics). In Brazil were analyzed the IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) reports, mainly the POF (Family Budgets Survey). The second major source of data comes from three large research projects, conducted by different research groups in each of the countries compared here. From Brazil the data come from the three editions of research on “*Hábitos Alimentares dos Brasileiros*” (2005, 2011 and 2015), known as HA I, II and III, through which 101 interviews with Focal Groups were analyzed. From the United Kingdom, the data came from the “Re-visiting 'Eating Out' in London, Preston and Bristol (UK) 1995-2015” project, and were analyzed 31 semi-structured interviews. From Spain the data came from the project “*La alimentación fuera del hogar en Europa: un análisis comparado de los modelos alimentarios extradomésticos en España y Reino Unido*” - conducted in 2014 -, from which 51 interviews were analyzed. In the end, we argued that the practice of eating out is better conceptualized from three dimensions: menus (content), spaces (preparation and consumption) and sociability (company). The prism of routines, through which social practices reproduce themselves (among them eating), that is, “[...] bodies are moved, objects are manipulated, subjects are treated, things are described and the world is understood.”(Reckwitz 2002b, p. 250)

As a result we arrive at a table - even if limited in terms of other possible categories that can still be created - where we analyze these three dimensions in a concatenated way in some empirical cases, trying to define the practices of eating, both inside and outside, as a *continuum*. However, demonstrating the causes that lead individuals to contradict when they define such practice. However, we suggested that the great majority of eating practices correspond to eating out, and only in a single situation does the eating inside appear 'pure' - when eating at home (space), with the close family or friends, a content already known (menu). The nuances under which these practices appear oscillate in terms of hierarchical levels and gradations, sometimes the 'outside' stands out, sometimes the 'inside', but usually in a dual and relational form, but not excluding.

Keywords: Eating, Sociability, Menus, Spaces, Duality

INTRODUÇÃO

O ato de comer fora, em um primeiro momento, parece algo comum, naturalizado em nosso cotidiano, pois presume envolver uma simples decisão, uma escolha, ou mesmo uma prática corriqueira, habitual, para alguns indivíduos. No entanto, ao olharmos de forma mais detalhada e relacionarmos esse ato a diversas outras questões da vida social, como trabalho, família, lazer, corpo, renda, gosto, entre outros fatores, perceberemos o quão complexa se torna essa escolha, e as diversas implicações em que resulta. Assim, os significados e as motivações do comer fora se transformam ao longo da história, variam de acordo com o perfil socioeconômico, o ambiente institucional, os estilos de vida que os indivíduos almejam, a sociabilidade engendrada, o uso de tempo, os espaços em que se come, o menu que se escolhe, ou ainda o processo de incorporação envolvido no ato de comer (PADDOCK, *et al.*, 2017; WARDE, 2016; SOUTHERTON, *et al.*, 2011; SOUTHERTON, 2012; WARDE e MARTENS, 2003; WOOD, 1992).

Ao contrário do que alguns autores apontam⁴, a prática do comer fora do ambiente doméstico não tem contribuído com a desestruturação do sistema alimentar moderno, pelo contrário, essa prática faz parte da própria (re)estruturação desse sistema, sendo que a principal influência na conformação dos hábitos alimentares da população, em geral, é dada pelos espaços "semi-públicos" (WOOD, 1994a; RIAL, 1996; COLLAÇO, 2003, 2004; WARDE e MARTENS, 2003; RACIONERO, 2005)⁵. Tal fenômeno ocorre por meio da seleção da comida (menus), da sociabilidade engendrada (eventos), ou ainda pelo disciplinamento do corpo (incorporação)⁶. Estes espaços são materializados por meio das práticas do comer fora, principalmente em restaurantes, que desde a sua invenção no século XVIII⁷ – na França –, tem contribuído estruturalmente com esse processo.

De todo modo, a prática de comer fora não é um conceito de fácil definição, pois mesmo que percebida em espaços comerciais, principalmente em restaurantes, pode ainda se manifestar em diversos outros, como no ambiente de trabalho, na rua, em parques, em casas de amigos, vizinhos, familiares, ou ainda em abrigos e instituições públicas, como colégios, presídios e

⁴ Citamos aqui Poulain (2012) e Fischler (2010), cujas teses em torno da individualização do comer os levam a acreditar que o sistema alimentar moderno está se desestruturando, sendo a prática do comer fora um dos fatores que tem conduzido esse processo.

⁵ Mesmo a correlação entre a obesidade e o comer fora é bastante questionável e inconclusa (DÍAZ-MENDEZ e ESPEJO, 2018).

⁶ Ver Warde (2016, pg. 64 - 76).

⁷ Ver Spang (2000).

hospitais, ou mesmo, em casos extremos, em campos de guerra⁸. Por outro lado, pode também estar associado a um evento, geralmente a um momento de lazer, comemoração, sociabilidade ou mesmo obrigação.

Mas como os atores definem tal prática? Quando a fazem, levam em consideração somente os espaços de preparo e consumo? Ou há outras dimensões que mobilizam, de maneira intersubjetiva, para hierarquizar e classificar determinada prática do comer como sendo ‘dentro’ ou ‘fora’, deixando de lado, incluso, o próprio significado etimológico da palavra ‘fora’ (enquanto espacialidade), ressignificando-a de forma contextual, a partir das relações – simbólicas, biológicas e pragmáticas – que os indivíduos e seus coletivos estabelecem com a comida?

Uma contribuição importante, nesse sentido, advém de um recente artigo de Racionero e Lizcano (2018)⁹, no qual avaliam a diversidade terminológica¹⁰, associada aos contextos culturais, que a prática do comer fora é justificada pelos que dela se utilizam. Os autores analisam o uso da marmita, por exemplo, e identificam que os comensais consideram essa prática como comer dentro, ao invés de fora, ou seja, o ‘fora’, na verdade é ‘dentro’, nesse momento e para essa prática, ou seja, o preparo (dentro) – e toda a simbologia que mobiliza – se sobrepõe ao consumo (fora). O mesmo ocorre quando se pede comida por *delivery*, porém de modo inverso, ou seja, o consumo (dentro) – e toda a simbologia que mobiliza – se sobrepõe ao preparo (fora). De todo modo, conclui os autores, o ‘fora’ na verdade (pragmaticamente falando) é ‘dentro’, nos dois casos. Para os autores, mais que o lugar, são as companhias e os momentos os principais critérios mobilizados pelos comensais ao definirem o comer fora. Concluem afirmando que, “*Tal ponderación nos ha presentado un continuum que se mueve entre un ‘fuera’ estricta y tautológicamente espacial (‘fuera’ es ‘fuera’) y un ‘fuera’ tan sobredeterminado por factores no-espaciales que llega a significar su contrario: ‘fuera’ es ‘dentro’*”.

O ponto central, que nos chama a atenção, é que os conceitos utilizados para definir a prática do comer fora, em geral, utilizam como principal referência os espaços em que se come ou em que se prepara a comida. Diaz-Méndez (2013, 9.50) argumenta: “[...] *pues para unos es comer en la restauración comercial, para otros es hacerlo con amigos y familiares e incluso llevar comida preparada de casa y comerla fuera*”. Warde e Martens (2003), salientam: “[...] *it is taking of food in some location other than one's own place of residence*”. Já Lund (1998) ressalta ser pouco clara essa distinção entre o lugar em que se prepara a refeição e o lugar em que se consome. Para Orfanos (2009, pg. 240) há duas definições complementares: a) todas as refeições preparadas fora de casa, independentemente do local de consumo; b) todas as refeições consumidas fora de casa, independentemente do local onde são preparadas. Notadamente, como demonstrou Racionero e Lizcano (2018), esse é somente uma das referências mobilizadas pelos indivíduos e seus coletivos – quando realizam a prática do comer fora –, talvez a menos importante.

Uma das possíveis hipóteses, que explique essa centralidade na classificação da prática do comer fora, pela dimensão quase que exclusiva da espacialidade (local de preparo e consumo), é a de que essas definições estão ‘contaminadas’ pelos trabalhos já realizados pelos órgãos de pesquisas oficiais, cuja classificação é ainda mais confusa e dissonante quanto ao que vem a ser considerada uma prática do comer fora. Fato que conduz à necessidade de expor algumas considerações sobre as definições utilizadas pelos órgãos de estatísticas oficiais de Estado – Brasil, Espanha e Reino Unido.

⁸ Algumas revoluções tecnológicas na parte de beneficiamento, conservação e transporte de alimentos, causou um grande impacto na forma de abastecimento alimentar dos soldados em guerra, como um exemplo se pode citar a carne enlatada (GOODY, 2013, pg. 72-90).

⁹ Ao analisarem os dados espanhóis do projeto “*La alimentación fuera del hogar en Europa: un análisis comparado de los modelos alimentarios extradomésticos en España y Reino Unido*” coletados em 2014.

¹⁰ Os autores se utilizam de uma leitura wittgensteiniana, de construção da realidade social.

Frente a esse complexo quadro conceitual, sobre o que vem a ser considerada uma prática do comer fora – oscilando entre o ‘contextualismo’ e o ‘localismo espacial’ –, é que se impõe a tarefa de compreender as intrincadas estruturas subjacentes ao social – gênese dos esquemas de percepção, pensamento e ação –, que constituem e são constituídas continuamente por essa prática social (BOURDIEU, 1990).

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é analisar os sentidos e significados da prática do comer fora a partir dos indivíduos e seus coletivos, semelhante ao que fez Racionero e Lizcano (2018), porém, indo além das definições dadas somente pelos atores, que muitas vezes são contraditórias – como se evidenciará quando comparados os dados do Brasil, Espanha e Reino Unido –, buscando explicar o motivo que levam os atores a ver essa prática (realidade) de uma ou outra forma, ou seja, o que está na gênese dessas estruturas subjacentes a tal prática? Por outro lado, aproveitar as contribuições de Racionero e Lizcano (2018) para ir mais adiante das definições mais restritas aos espaços, se ‘dentro’ ou ‘fora’ – consumido ou preparado –, que supomos ter origem nos conceitos e definições historicamente utilizados pelos órgãos de estatística oficial de Estado. Ao final, propor um quadro de referência que reconstitua esse binômio entre o ‘dentro’ e o ‘fora’ a partir de uma dualidade – e não um dualismo – tendo em conta não somente a espacialidade, mas também questões que envolvam rotina, conteúdo e companhia.

METODOLOGIA

Cabe ressaltar que os dados não são livres e naturais, mas sim conquistados, construídos e constatados, segundo Bourdieu et al. (2015 [1968]). Ou seja, é a partir das categorias teóricas e da postura epistemológica do pesquisador que os dados são obtidos, categorizados e interpretados. Desse modo, cabe apresentar sob quais ‘olhares’ os conceitos sobre a prática do comer fora são capturados, registrados e analisados. A proposta desse artigo é investigar como esse conceito é operacionalizado pelos órgãos oficiais de estatística do Brasil, Espanha e Reino Unido e também como os comensais interpretam essa prática no seu cotidiano, a partir de dados provenientes de três projetos de pesquisa, levados adiante em cada um desses países supracitados. A partir dessa análise, afiliada ao método bourdieusiano do estruturalismo genético, propõe-se, ao final, uma definição mais precisa do que vem a ser uma prática do comer fora.

Os dados utilizados para esse artigo provêm de duas grandes fontes.

A primeira fonte advém dos dados estatísticos oficiais dos países em questão, principalmente os que se destinam a investigar os gatos com alimentação. No Reino Unido foram pesquisados os relatórios e os dados disponibilizados pelo DEFRA (*Department for Environment, Food & Rural Affairs*)¹¹ e pela ONS (*Office for National Statistics*)¹². Ao todo foram estudados os relatórios do DEFRA de 2002 até 2016, e da ONS de 1999 até 2015. Na Espanha foram pesquisados os relatórios e dados do MAGRAMA (*Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente*)¹³, especialmente os informes sobre consumo alimentar na Espanha dos anos de 2012 até 2015, e também do INE (*Instituto Nacional de Estadística*)¹⁴, especialmente os relatórios sobre metodologia e os dados dos anos de 1998 até 2015. No Brasil foram analisados os dados e relatórios do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e

¹¹ <https://www.gov.uk/government/organisations/department-for-environment-food-rural-affairs>

¹² <https://discover.ukdataservice.ac.uk/>

¹³ <http://www.mapama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/panel-de-consumo-alimentario/>

¹⁴ http://www.ine.es/dyngs/INEbase/es/operacion.htm?c=Estadistica_C&cid=1254736176806&menu=ultiDatos&idp=1254735976608

Estatística)¹⁵, principalmente das POF's¹⁶ dos anos de 1987, 1995, 2002 e 2008, especialmente os relatórios sobre metodologias (questionários, instruções, manuais, etc) e divulgação de resultados, bem como os dados disponíveis para cruzamento através do SIDRA (Sistema IBGE de Recuperação Automática)¹⁷.

A segunda grande fonte de dados advém de três grandes projetos de pesquisa, conduzidos por diferentes grupos de investigação em cada um dos países aqui comparados. Do Brasil os dados advém das três edições de pesquisas sobre Hábitos Alimentares dos Brasileiros (2005, 2011 e 2015)¹⁸, conhecidos como HA I, II e III, por meio das quais foram analisadas 101 entrevistas com Grupos Focais. Do Reino Unido os dados foram cedidos do projeto "*Re-visiting 'Eating Out' in London, Preston and Bristol (UK) 1995-2015*", tendo sido analisadas 31 entrevistas semi-estruturadas. Da Espanha os dados foram cedidos pelo projeto "*La alimentación fuera del hogar em Europa: un análisis comparado de los modelos alimentarios extradomésticos en España y Reino Unido*" – conduzido em 2014 –, a partir do qual 51 entrevistas foram analisadas.

O foco dado às análises dos dados correspondem às definições e conceitos em torno do que vem a ser a prática do comer fora. Sendo descritos e interpretados nas duas seções seguintes.

AS DEFINIÇÕES SOBRE O COMER FORA, A PARTIR DOS DADOS ESTATÍSTICOS OFICIAIS

Os órgãos de estatísticas oficiais de Estado, elencados acima, mudaram significativamente ao longo dos anos seus programas e métodos de coleta de dados, sendo o mais antigo o do Reino Unido, iniciado em 1940, seguido pela Espanha, iniciado em 1958, e por fim no Brasil, iniciado em 1974/75. Para uma melhor descrição sobre o histórico de coleta de dados de cada um, sugerimos que leiam um artigo de nossa autoria, publicado recentemente, Schubert et al. (2017) "O "comer fora de casa" no Brasil, Reino Unido e na Espanha: uma revisão das bases de dados estatísticos oficiais e perspectivas para comparação".

O foco nessa seção é verificar os diferentes conceitos mobilizados por cada uma destas entidades, ao coletarem os dados sobre o comer fora. Ou seja, o que vem a ser *eating out*", no caso britânico, "*comer fuera del hogar*", no caso espanhol e "alimentação fora do domicílio", no caso brasileiro, para estes órgãos oficiais de Estado.

No Reino Unido verificamos dois órgãos oficiais responsáveis por essa coleta, a ONS e o DEFRA. A ONS adota, desde 2001, os códigos da COICOP (*Classification of Individual Consumption by Purpose*), conforme quadro abaixo.

Quadro 1 - Código 11 (relativos ao comer fora) da COICOP e seus respectivos subcódigos utilizados no Reino Unido, a partir de 2001.

Subcódigos (3 níveis)	Subcódigos (4 níveis)	Subcódigos (5 níveis)
11. 1 - Serviços de restaurantes	11.1.1 - Restaurantes e refeições de café	
	11.1.2 - Bebidas alcoólicas (fora de casa)	

¹⁵ <http://www.ibge.gov.br/home/>

¹⁶ <https://metadados.ibge.gov.br/consulta/dthPesquisa.aspx?codPesquisa=OF>

¹⁷ <https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil>

¹⁸ Dados cedidos pela empresa Toledo e Associados.

	11.1.3 - Comprar fora para comer dentro de casa - <i>takeaway</i>	
	11.1.4 - Outros tipos de <i>takeaway</i> e petiscos	11.1.4.1 - Comida quente e fria
		11.1.4.2 - Confeitaria
		11.1.4.3 - Sorvete
		11.1.4.4 - Bebidas suaves (refrigerantes e etc)
	11.1.5 - Restaurantes contratados	
	11.1.6 - Cantinas	11.1.6.1 - Refeições escolares
		11.1.6.2 - Refeições compradas mas consumidas no ambiente de trabalho

Fonte: Relatórios da ONS, elaboração própria do autor

Nos relatórios do DEFRA, *eating out* é considerado como sendo: "*covers all food that never enters the household such as: restaurant meals, school meals and snacks bought and eaten away from home*"¹⁹. É possível perceber um descompasso a respeito das informações sobre o fenômeno entre os relatórios da ONS e do DEFRA. Nota-se que o total de gastos com essa prática, segundo o relatório do DEFRA de 2013, foi de 29,19% em relação ao total gasto com alimentação. Já no mesmo período, se observarmos os dados do relatório da ONS essa relação fica, em média, em 36,29%. Uma das explicações está na própria definição, ou seja, o relatório do DEFRA considera *eating out* somente o que é consumido exclusivamente fora de casa, enquanto que no relatório da ONS a modalidade *takeaway* (por exemplo), que é comprar fora para comer dentro de casa, é considerada como sendo uma prática que compõe essa modalidade.

Na Espanha também verificamos dois órgãos oficiais responsáveis por essa coleta, o INE e o MAGRAMA. O INE adota, desde 1997, os códigos da COICOP, conforme quadro abaixo:

Quadro 2 - Códigos da COICOP adotados pela Espanha desde 1997, a respeito do "*Comer fuera del hogar*".

Subcódigos (3 níveis)	Subcódigos (4 níveis)	Subcódigos (5 níveis)
11.1 - Restaurantes e cafés	11.1.1 - Restaurantes e cafés	11.1.1.1 - Menu do dia
		11.1.1.2 - Almoço e janta em restaurantes
		11.1.1.3 - Consumo em bares e cafeterias

¹⁹ <https://www.gov.uk/government/publications/family-food-methodology>

		11.1.1.4 - Consumo em <i>pubs</i> e discotecas
		11.1.1.5 - Banquetes, cerimônias e celebrações fora de casa
	11.1.2 - Cantinas e refeitórios	11.1.2.1 - Cantinas e refeitórios
		11.1.2.2 - Refeitórios escolares e universitários

Fonte: Dados compilados do INE, elaboração própria do autor.

Há também um bloco de pesquisa sobre consumo extradoméstico, conduzido pelo MAGRAMA desde 2007. Nessa pesquisa são registrados todos os alimentos e bebidas adquiridos fora de casa (preparados e prontos para serem consumidos fora de casa). As variáveis dependentes registradas são: restaurantes de serviço completo (*a la carte* ou de *menu del dia*), restaurantes de serviço rápido (restaurantes *self-service*, bares, cafeterias, *fast-food*, sorveterias), consumo imediato, comida para levar (*takeaway* e *deliveries*), danceterias e *pubs*, máquinas *self-service*, cantinas de empresas, hotéis e restaurantes no interior de transportes (ex: trens).

Semelhante ao que ocorre no Reino Unido, na Espanha o MAGRAMA registra o *takeaway* – comida para levar – enquanto que o INE não registra essa modalidade em seus códigos. Notem que mesmo os dois países seguindo as orientações da COICOP os subcódigos são distintos. No caso Espanhol o *takeaway* não aparece na pesquisa do INE, já no caso britânico há, inclusive, dois subcódigos para esse registro, como é possível observar no quadro 1 a cima.

No Brasil verificamos somente a POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares), pesquisa conduzida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), como a principal pesquisa que coleta dados sobre os gastos com alimentação fora. Os códigos para registro de tal prática são os seguintes: 1) Almoço e Jantar; 2) Café, Leite, Café/Leite, Chocolate; 3) Sanduíches e Salgados; 4) Refrigerantes e outras bebidas não alcoólicas; e 6) Cervejas, *chops* e outras bebida alcoólicas; 7) Lanches; 8) Alimentação na Escola; 9) Alimentação *light* e *diet*. O IBGE opera com o conceito do comer fora de casa como sendo tudo que é consumido fora de casa, excluindo, dessa forma, as comidas entregues por delivery (*takeaway*).

Em nenhuma destas pesquisas oficiais foi encontrada a modalidade de *lunchbox*, para os britânicos, *fiambreira*, para os espanhóis, e marmita, para os brasileiros. Somente no DEFRA, no Reino Unido, e o MAGRAMA, na Espanha, consideram o *takeaway* como uma prática do comer fora. Tanto o INE, na Espanha, quanto a ONS, no Reino Unido, e o IBGE, no Brasil, não consideram essa modalidade como sendo uma prática do comer fora.

Um outro aspecto importante, quanto a esses conceitos operacionais sobre o comer fora, está relacionado ao sentido que cada uma dessas variáveis apresenta, ou seja, não há definições claras relativos a cada subcódigo. Por exemplo, o que seriam "lanches" no caso brasileiro: algo que se come fora dos horários habituais das refeições mais estruturais, como almoço e janta? Ou algo que se come na rua, em algum *fastfood*? Enfim, um subcódigo que diga apenas "lanches" e que é preenchido por inúmeros e diferentes indivíduos, se torna uma definição muito aberta e dependente da discricionariedade de cada um. Tal fato ocorre também nos outros diferentes subcódigos de cada país. Problematizar cada um deles aqui se tornaria exaustivo, sendo necessário apenas frisar suas limitações quanto às definições que cada um pode apresentar, em maior ou menor medida, mesmo por que, o peso da subjetividade individual é

muito marcante em dados que são registrados pelos próprios entrevistados²⁰, dando-lhes margem para interpretar as perguntas, ou mesmo os subcódigos, conforme lhes pareça mais familiar, conveniente e cognoscível. É nessa perspectiva que a próxima seção explorará, de maneira mais aprofundada, essa subjetividade dos comensais – quando interpelados sobre o sentido e o significado da prática do comer fora nas suas rotinas diárias.

AS DEFINIÇÕES SOBRE O COMER FORA, A PARTIR DE DADOS EMPÍRICOS

A partir do que se discutiu na seção acima, sobre as definições, metodologias, comparações e limitações a respeito dos bancos de dados oficiais, é possível perceber que os conceitos adotados pelos órgãos oficiais de cada país são pouco claros, algumas vezes confusos e contraditórios, com relação ao que vem a ser a prática do comer fora. Mesmo dentro de cada país há divergências quanto a essas definições.

Nesse sentido, com a proposta de contribuir com essa reflexão a respeito das definições sobre o fenômeno do comer fora, parte-se agora para uma digressão empírica no sentido de delimitar esse fenômeno a partir dos eventos, principalmente com relação aos espaços, a sociabilidade e os menus. Para tanto, lançamos mão de dados primários de projetos de pesquisa levados adiante em cada um dos países investigados. Ao final, será apresentado um quadro de tipologias que levem em consideração não somente os espaços, mas também a sociabilidade e os menus, nas discussões em torno do que venha a ser conceituado como uma prática do comer fora, ou melhor, quais os níveis e gradações com que essa prática em torno do comer se apresenta.

Primeiramente, é importante frisar que a conexão entre o dentro e fora, a partir do comer, é relacional, pois o que se come fora é estabelecido em razão do que se come dentro, seja por complementação, oposição ou reprodução. Como ressalta Galindo (2014), são ambiências complementares e interdependentes, ou mesmo Díaz-Méndez *et al.* (2013, pg. 47) "*La comida fuera del hogar guarda una relación directa con la doméstica*". Ou seja, a opção por um determinado tipo de comida fora é dada com base nas referências anteriormente registradas em nossa memória. Assim, basicamente, será selecionada alguma comida diferente do que se come em casa, em razão do custo ou pelo prazer em variar, ou ainda será um complemento, por exemplo, uma sobremesa, ou mesmo algo que já se costuma comer em casa, em razão da rotina ou mesmo do gosto. Por certo, essas não são as únicas formas que essa relação se estabelece, porém, já apresenta um quadro em que é possível perceber essa conexão entre o dentro e o fora, no que diz respeito ao comer. Como salienta Warde e Martens (2003, pg. 102), "*Understandings of eating out and eating in are interdependent*", ou ainda Julier (2013, pg. 341), "*The main blurry to explore is the nature and shape of the food events that take place in and out of the home*".

Essa relação também engendra hierarquias de valores com base no contexto social em que são reproduzidas. Por exemplo, uma comida completa, geralmente, está associada ao ambiente doméstico, ou ainda, um lanche geralmente está associado ao ambiente da rua, ou mesmo uma pausa para um café, que pode ser associado a ambos, mas geralmente ocorre em um ambiente de trabalho. Enfim, são significações dadas à comida, a partir do contexto em que se come. Algumas dessas significações, inclusive – como apontam Racionero e Lizcano (2018) –, podem inverter completamente o significado etimológico da própria palavra ‘fora’, atribuindo-lhe o significado de ‘dentro’, ou seja, rompe com a referência espacial da palavra e mobiliza outros valores de referência que ressignificam a própria prática do comer. Os exemplos que se encaixam perfeitamente, como já salientado, são uso da marmita e o delivery.

²⁰ As pesquisas da ONS, no Reino Unido, INE, na Espanha, e IBGE, no Brasil, utilizam cadernetas que são preenchidas pelos entrevistados ao longo de alguns dias, no que corresponde aos gastos com alimentação.

Diante desse ‘recorte’ analítico observa-se que as argumentações e justificações dos conceitos mobilizados por diversos autores e os órgãos de estatísticas oficiais, a respeito do comer fora, costumam girar em torno dos espaços, sendo que para além dessa dimensão, a sociabilidade e os menus também são tão ou mais importantes, como se pode verificar nas entrevistas realizados no Brasil, Reino Unido e Espanha.

Destacamos, primeiramente, algumas diferenças mais gerais entre as entrevistas de cada país. No Reino Unido – por incrível que pareça –, muitos entrevistados não consideraram o *takeaway* como sendo uma prática do comer fora.

Interviewer: And you mentioned you might pick food up and bring it home, is that different to eating out to you?

Respondent: To me, it is, that doesn't count as ... that's eating in.

(Homem, idade 46 anos, renda £ 10.000,00 - 14.999,00/ano, Londres/Reino Unido, 2016, *grifos nossos*).

Diferentemente do caso espanhol e brasileiro, em que as perguntas já consideravam o *delivery*, ou comida '*encargada*', como sendo uma prática do comer fora. Para os espanhóis o comer fora está ligado ao menu, ou seja, algo que eles não tenham que preparar. Para os brasileiros, de forma similar, representa o que é consumido fora de casa e/ou que também não tenham que preparar.

Entrevistador: E o que significa então comer fora no final de semana?

Entrevistado: É a curiosidade que eu falei, eu gosto de comer em lugares novos.

Entrevistado: Pra mim significa não cozinhar, é folga na cozinha.

Entrevistado: Eu gosto quando vou na casa dos meus familiares, mas é mais de domingo, eu sinto prazer em almoçar fora porque estou na companhia deles.

Entrevistado: Eu gosto porque nos finais de semana sempre vou com o meu namorado e às vezes, com os amigos também, então é divertido, é bem legal porque dá uma fugida da rotina.

(Mulheres (8), idades entre 17 - 24 anos, renda não informada, São Paulo/Brasil, 2011, *grifos nossos*).

Entrevistador: Vamos a analizar un poco la alimentación fuera del hogar, y como cada persona, entendemos cosas diferentes por comer fuera del hogar, la primera cuestión sería ¿qué entiendes tú por comer fuera de casa?

Respondedor: Pues ¿qué entiendo yo por comer fuera de casa? Pues, pues que me lo den hecho, por ejemplo... Claro.

(Mulher, idade entre 30 - 44 anos, renda € 1.500,00 - 1.999,00/mês, Madri/Espanha, 2014, *grifos nossos*).

Comer na casa de parentes e amigos, para alguns entrevistados, é considerado comer fora, porém com certa dubiedade. Quando se sai com familiares para comer fora, em um restaurante, por exemplo, classicamente parece ser comer fora, mas quando se vai à casa de amigos e/ou familiares, mesmo que essa prática ainda seja percebida como comer fora, parece ser relativizada, como percebemos em uma das entrevistas no Brasil.

Entrevistador: Alguém aqui até mudou isso de diminuir a frequência de comer fora de casa?

Entrevistado: Bastante.

Entrevistado: Era pelo menos 2 a 3 vezes na semana, agora.

Entrevistado: No fim de semana eventualmente levo minha família para comer fora.

Entrevistado: Nós é comer fora e na casa de parentes.

(Homens (8), idades entre 41 - 55 anos, renda classe C, Curitiba/Brasil, 2015).

Para outros, comer na casa de amigos e parentes claramente não se classificaria como sendo uma prática do comer fora, como aparece em algumas entrevistas no caso espanhol e britânico.

Entrevistador: ¿Por qué comentabas lo de tu madre? ¿Comes tú en casa de tu madre?

Respondedor: Como yo en casa de mi madre. Yo, por ejemplo, no sé hasta qué punto consideraría comer en casa de mi madre como comer fuera de casa; porque es casi como comer en casa.

(Casal, idades entre 30 - 44 anos, renda € 2.000,00 - 2.499,00/mês, Valladolid/Espanha, 2014, *grifos nossos*).

Interviewer: So eating at the home of another?

Respondent: Yeah I suppose it depends doesn't it, but if you're eating at parents or best friends where you eat regularly I suppose. So I'd say eating out is something that you do out of routine, but where we both eat at my grandparents and my parents weekly so that's not eating out because that's a routine.

(Mulher, idade 31 anos, renda £ 65.000,00 - 77.999,00/ano, Bristol/Reino Unido, 2016, *grifos nossos*).

Deste modo, observamos que o sentido que o comer fora tem para os indivíduos varia dependendo também do quão habitual tem sido essa prática em suas vidas. Ou seja, as vezes, quando associado a algo que já se costuma fazer, como comer na casa de familiares e amigos, ou mesmo comer no ambiente de trabalho²¹, os indivíduos não consideram estar realizando uma prática do comer fora. Como observado por um entrevistado espanhol, o comer fora, basicamente, está associado ao ócio, ou ainda, como destacado por um entrevistado britânico (a cima), uma fuga da rotina.

Entrevistador: ¿Cuándo consideráis que estáis comiendo fuera de casa?

Respondedor: Cuando no es por obligación. Es decir, que no es por trabajo...

Es por ocio.

Sí principalmente los fines de semana, suele ser o en vacaciones.

(Casal, idades entre 30 - 44 anos, renda € 1.500,00 - 1.999,00/mês, Madri/Espanha, 2014).

Assim, a sociabilidade ganha destaque quando o assunto é comer fora do ambiente doméstico. No trabalho de Warde e Martens (2003, pg. 206), 75% dos entrevistados, de uma amostra de 1.001 entrevistas, relataram "não gostar de comer sozinho" e do total que respondeu ter comido fora a última refeição, apenas 2% a realizou de forma solitária. Assim, ressaltam os autores "*Yet of the satisfaction deriving from eating, some of the most symbolically and emotionally important arise from being in company a sharing food or the occasion*". Para os brasileiros o comer fora também está associado diretamente a sociabilidade e a diversão, principalmente em relação as visitas que costumam fazer à casa de familiares, especialmente aos finais de semana. Assim como para os espanhóis quando costumam ir aos *pueblos*, também aos finais de semana.

Entrevistador: E o que significa então comer fora no final de semana?

Entrevistado: É a curiosidade que eu falei, eu gosto de comer em lugares novos.

Entrevistado: Pra mim significa não cozinhar, é folga na cozinha.

Entrevistado: Eu gosto quando vou na casa dos meus familiares, mas é mais de domingo, eu sinto prazer em almoçar fora porque estou na companhia deles.

²¹ Como demonstrado por Warde e Martens (2003, pg. 44), ao entrevistar 23 britânicos, apenas 6,7% considerou "comer um sanduíche no trabalho" como sendo comer fora.

Entrevistado: Eu gosto porque nos finais de semana sempre vou com o meu namorado e às vezes, com os amigos também, então é divertido, é bem legal porque dá uma fugida da rotina.

(Mulheres (8), idades entre 17 - 24 anos, renda não informada, São Paulo/Brasil, 2015, *grifos nossos*).

Respondedor: Y elegimos siempre lugares distintos, para ir conociendo cosas nuevas. Generalmente en pueblos, en localidades pequeñas que nos han dicho que se cocina bien esto, lo otro, y normalmente lo hacemos allí. (Homen, idade >64 anos, renda € 500,00-900,00/mês, Valladolid/Espanha, 2014, *grifos nossos*).

Todavia, o tempo também é um fator importante quando se define o que representa um determinado evento, neste caso o comer fora. Quando essa prática é realizada em dias de semana, em razão do trabalho e/ou outras atividades, como estudos, geralmente está associada a uma obrigação, algo que não é realizado a partir de uma opção, mas sim uma imposição das circunstâncias, como argumentam Barbosa *et al.* (2018) ao estudarem o caso brasileiro. Para os dados espanhóis, Díaz-Méndez, *et al.* (2013, pg 53), a partir de uma amostra composta por 1.504 entrevistas, demonstram essa diferença entre os dias da semana e os finais de semana, tendo em conta o ócio, as relações sociais e as obrigações familiares, como principais motivos. Segundo os autores, durante a semana essas três variáveis, somadas, estão presentes em 45% dos entrevistados como principal motivo, já aos finais de semana essa cifra sobe para 81%. Datas comemorativas, como natal, páscoa, aniversários, entre outras, também apresentam peculiaridades, neste caso muito específicas para cada evento e para cada país, ou mesmo regiões dentro de um mesmo país, ou ainda outras formas de delimitação cultural, como a religião (ETZIONE e BLOOM, 2004)²².

Mas para além de um evento, há ainda o menu, ou seja, o que se tem à disposição, em termos de forma, conteúdo e sequência, para se comer. Dependendo do que se come, a forma como se come e a ordem em que é servida determina refeição, pode se configurar como sendo um comer fora ou dentro. Como exemplo observamos a entrevista de um britânico que não considera comer nas cadeias de *fast-food* como uma prática do comer fora, pois nunca levaria sua companheira para comer fora em um lugar assim, poderíamos dizer, tão 'trivial'.

Respondent: I wouldn't count a fast food chain as eating out, that would be more of a snack, like you'd get a Subway or a McDonald's. I wouldn't turn round to my Mrs and say I'd take her out for a meal and then take her to Subway.

(Mulher, idade 23 anos, renda £ 30.000,00 - 39.999,00/ano, Preston/Reino Unido, 2016).

Mas qual seria o motivo pelo qual parte destes entrevistados, tanto no Reino Unido, como na Espanha, quanto no Brasil, consideram algumas práticas notadamente caracterizadas na literatura como sendo comer fora, por exemplo comer um sanduíche no trabalho, ou comer na casa de familiares e amigos, ou mesmo comer em cadeias de *fast-food*, como não o sendo?

Algumas pistas podem ser dadas a partir das dimensões aqui discutidas, ou seja, dos menus, da sociabilidade e dos espaços. Tendo em conta a característica relacional que se estabelece entre o dentro e o fora, os indivíduos e seus coletivos estabelecem alguns limites simbólicos ao definirem o que seja uma prática do comer dentro e o que seja uma prática do comer fora. Em alguns casos, mesmo que a prática possa ser obviamente definida como comer

²² Os autores trabalham neste livro a importância dos rituais em torno da comida, especialmente em datas festivas, em geral, momentos que "saem" da rotina, como feriados, férias, finais de semana, etc. A partir destes rituais as normas e os laços sociais são "re-criados" ou "re-feitos". Os autores discutem, como estudos de caso, os feriados de Halloween, Kwanzaa e Victorian Days.

fora, para o indivíduo não o é. Se presume que tal aspecto ocorra principalmente em razão de três fatores.

Primeiramente o fator 'rotina'. Comer fora de casa parece ser algo ligado a uma 'fuga' da rotina, algo 'especial', realizada de maneira esporádica. Dependendo do quão repetitivo for tal prática, essa recorrência acaba dissipando o 'brilho' que tais momentos representam. Ou seja, o comer fora, para muitos indivíduos, é algo especial e, portanto, não deve ser 'corriqueiro', caso contrário não se configura como sendo uma prática de comer fora. Quando se realiza uma refeição fora de casa espera-se que essa prática seja divertida, geralmente com tempo, ou em uma data especial. Por isso, se supõe que, o caso de comer no trabalho, ou com colegas de trabalho, muitas vezes não é considerado como comer fora, para muitos indivíduos. Isso ainda pode variar, pois comer com colegas após o horário de trabalho, em um pub, por exemplo, geralmente se configura como uma prática do comer fora, pois caracteriza uma prática 'divertida' e que 'foge' da rotina.

O segundo fator estaria atrelado a 'companhia'. A habituação em relação aos espaços, ligada principalmente a afetividade – principalmente quando se come fora na casa dos pais, irmãos, ou outros parentes –, sugere que o indivíduo está tão acostumado com aquele espaço, aquele momento e aquelas companhias, que para ele não seria uma prática do comer fora. Outra expectativa diz respeito em partilhar uma 'boa' companhia, caso contrário a prática pode não ser considerada pelos indivíduos como comer fora. Talvez aqui se enquadre o fato de que o *delivery* seja considerado um comer dentro, ao invés de comer fora, pela 'habituação' e pela 'companhia'. Porém, quando o *delivery* é realizado na casa de amigos ou familiares, por ser um menu distinto ao que habitualmente se come nesses contextos, essa prática costuma ser percebida como comer fora.

O terceiro e último fator identificado é o 'conteúdo'. Dependendo do que se come, os indivíduos não consideram determinada prática como sendo uma prática do comer fora. Novamente, se não for algo diferente do que se costuma comer, ou ainda uma comida considerada 'especial', os indivíduos talvez não a julguem como sendo um prato 'digno' de ser classificado como parte de um momento 'ímpar' que é, na maioria das vezes, o comer fora. Como é o caso do uso da marmita, no caso brasileiro, e da *fiambreira*, no caso espanhol. Para os britânicos essa prática soa meio estranha, pois a estrutura do almoço já costuma ser um lanche. Talvez, no caso do almoço dos britânicos, mesmo realizado fora, talvez seja considerado como dentro, pela pouca variação no menu, ou mesmo por ser algo que já faz parte da própria rotina, mesmo que a comida não tenha sido preparada dentro. Tal fato inverte a própria lógica etimológica do 'fora' já invertida anteriormente - em que o 'fora' era 'dentro', seja pelo preparo ou pelo consumo –, neste caso o 'fora' é 'dentro' mesmo sendo 'fora' tanto pelo consumo quanto pelo preparo²³.

A princípio, todos estes três fatores, 'rotina', 'companhia' e o 'conteúdo' parecem estar ligados, especialmente, a momentos que denotem variação, diversão e experimentação, correspondentemente.

Assim, cabe discutir e apresentar algumas configurações empíricas da prática do comer fora, tendo em conta os espaços, a sociabilidade e os menus. Para tanto, na subseção seguinte, serão apresentadas algumas tipologias, explicando-as a partir dessas dimensões.

Tipologias sobre o comer fora de casa

Em um primeiro momento é apresentado um quadro a baixo, tendo em conta diferentes situações em torno do comer e uma designação binominal dentro/fora para cada uma delas. A

²³ A lógica do 'fora' ou 'dentro', pela dimensão da espacialidade, seria totalmente insuficiente para explicar o comer fora nesse contexto, provando ser necessário observar outros fatores como as rotinas, os menus e a sociabilidade.

letra maiúscula representa que a dimensão Dentro ou Fora apresenta uma participação maior na representação simbólica que caracteriza, de forma pronunciada, a prática do comer. Já a letra minúscula da dimensão dentro ou fora apresenta o inverso, ou seja, uma menor representação simbólica frente a tal prática. O que iremos apresentar é que esse fenômeno ocorre de forma dual e relacional, porém não excludente, tendo em conta não somente a espacialidade, mas também os menus e a sociabilidade.

Quadro 4 - Caracterização binominal (dentro/fora) em torno do comer, tendo em conta os espaços, os menus e a sociabilidade

Situações empíricas em torno do comer	Designação Binominal
Restaurantes	Comer Fora - Fora (CFF)
<i>Picnic</i> e acampamento	Comer fora - fora (Cff)
<i>Delivery</i> e <i>takeaway</i>	Comer Dentro - Fora (CDF)
Comer na casa de amigos e parentes	Comer Fora - dentro (Cfd)
Comer em casa, o próprio menu, com o núcleo familiar próximo	Comer Dentro - Dentro (CDD)
Comer no trabalho com 'marmita'	Comer Fora - dentro (CFd)
Receber visitas para comer em casa	Comer Dentro - fora (CDf)

Fonte: Elaboração própria do autor.

É importante notar que além destas situações outras variações podem surgir, pois as possibilidades em se comer (tanto dentro quanto fora), tendo em conta os espaços, os menus e a sociabilidade, são inúmeras. O que frisamos aqui é que a única situação em que o comer fora não tem influência alguma, ou seja, o comer dentro se apresenta de forma 'pura', quanto se come em casa, um menu próprio, tendo presente somente o núcleo familiar (CDD).

Dentre as diversas situações do comer, exceto essa, citada acima – CDD –, a prática em realizá-lo fora se configura de diversas e distintas maneiras, sendo mais intensas e/ou menos intensas. Por exemplo, quando se come na casa de parentes ou amigos se considera um espaço fora do ambiente doméstico, porém com características de sociabilidade que os remete a uma 'habituação', costume ou mesmo rotina. Sendo assim, acaba caracterizando o evento como sendo um comer Cfd (Comer fora - dentro). As iniciais do binômio fora - dentro aparecem em letras minúsculas, para demonstrar que tais características aparecem de maneira menos intensa.

Um outro exemplo seria o *delivery*, ou *takeaway* - CDF –, tão controverso em termos de ser classificado como um comer fora ou um comer dentro. Neste caso, comemos dentro de casa, na maioria das vezes. Contudo, pode-se pedir *delivery* para se comer na casa de amigos e parentes, ou mesmo no trabalho, o que é mais comum no Reino Unido. Porém, vamos nos deter a situação em que se pede a comida por *delivery* em casa. O espaço, obviamente, é Dentro, com letra maiúscula, pois, em geral, a sociabilidade é forte, devido a presença do núcleo familiar, mesmo que esse núcleo seja constituído por uma pessoa. Porém, como o menu é externo, ou seja, algo não preparado por quem irá consumir, muitas vezes até mesmo algo que não se costuma ou não se consegue preparar dentro de casa, como uma comida exótica, por exemplo, acaba caracterizando o evento como um comer Fora, com letra maiúscula.

O comer no trabalho, como 'marmita' – tão comum no Brasil e na Espanha –, pode ser caracterizada como um Comer Fora - dentro. Fora, em letra maiúscula, devido ao fato de ser fora de casa, em termos de espacialidade e também de sociabilidade, e dentro, com letra minúscula, devido ao fato de ser preparado dentro de casa, também em termos de espacialidade e do menu. Todavia, esse menu pode ter influência de fora, como comprar um refrigerante, compartilhar com algum colega, etc, por isso o fora é reafirmado com letra maiúscula.

Todavia, algumas situações podem ser ainda mais controversas, como o fato de receber visitas de amigos e/ou parentes em casa, mesmo que se prepare a comida. Neste caso, se olharmos a partir do evento, e não da perspectiva do anfitrião, caracterizaríamos como sendo um evento do tipo Comer Dentro - fora (CDf), pois mesmo que a prática do comer seja realizada dentro de casa, os menus geralmente variam, nem sempre sendo decididos pelos anfitriões, mas sim em função do perfil dos convidados. Nessa situação a sociabilidade acaba se alterando, pois não mais somente o núcleo familiar participa do evento, mas também parentes, amigos, ou mesmo convidados 'por tabela' como namorados, amigos dos amigos, etc.

Nesse sentido, retomando a definição inicial de Orfanos (2009, pg. 240) ao considerar o comer fora como sendo: a) todas as refeições preparadas fora de casa, independentemente do local de consumo; b) todas as refeições consumidas fora de casa, independentemente do local onde são preparadas, percebemos alguns limites em termos das possíveis situações empíricas. A mais controversa, que discutimos acima, que seria receber amigos e parentes para comer em casa, em que classificamos como sendo CDf, não está contemplada nessa definição como sendo um comer fora, pois a comida é preparada dentro de casa e consumida dentro de casa. Contudo, o que define este evento como sendo fora de casa é a sociabilidade engendrada e as mudanças em torno do menu, como evidenciamos acima.

Porém, tal definição dada por Orfanos (2009), não se limita somente ao número de situações que abarca, mas também a intensidade e o grau com que as práticas em torno do comer fora de casa podem se apresentar, bem como as relações que guardam com as práticas do comer dentro. Como já analisamos, muitos indivíduos dão significados distintos a essas práticas, a partir de diferentes valores de referência e hierarquias, que categorizam tal prática de diferentes modos. Deste modo, consideramos que, ao se analisar a prática do comer fora, deve-se ter em conta não somente a dimensão dos espaços, a partir da qual a maioria dos autores tentam formular suas definições, mas também a dimensão da sociabilidade e dos menus, bem como as relações constituintes e constitutivas que guardam com o comer dentro.

Esse quadro de tipologias não exemplifica todas as situações possíveis em que podem ocorrer as práticas do comer fora. Apresenta ainda algumas limitações quanto aos significados que os próprios indivíduos atribuem à prática do comer fora, especialmente quando mobilizam fatores como os que discutimos a cima, a rotina, o conteúdo e a sociabilidade. Em parte, essa proposta consegue agregar muitas das situações, tendo em contas essas dimensões, porém, outros fatores certamente existem, principalmente quando lidamos com culturas alimentares muito distintas. O principal avanço que propomos, com esse quadro analítico, é exemplificar que o comer fora se apresenta de forma combinada com o comer dentro, como uma espécie de *continnum*, que ora uma categoria ganha destaque, ora outra, mas quase sempre de forma associada, com raras exceções, com o é o caso CDD, que exemplificamos a cima.

Desta forma, percebe-se que o comer fora, está presente em praticamente todas as práticas do comer, em maior e menor grau e intensidade, e que definições e conceitos operacionais mais amplos são necessárias para compreender melhor esse fenômeno social e perceber como se relaciona com determinadas estruturas subjacentes aos contextos sociais em que tais práticas são levadas adiante pelos indivíduos e seus coletivos.

CONCLUSÕES

O presente artigo teve como objetivo aprofundar a definição sobre o que vem a ser uma prática do comer fora. Para tanto, nos filiamos ao método bourdieusiano do estruturalismo genético, buscando explicar as causas que levam os indivíduos a definirem de forma tão contraditória essa prática, de tal modo que o termo 'fora', surge, muitas vezes como sendo 'dentro', não em razão da espacialidade, mas sim a partir de outras referências mobilizadas pelos indivíduos. Ao longo do artigo, elencamos algumas como sendo a 'rotina', a 'companhia'

e o 'conteúdo'. Nesse sentido, restringir a prática do comer fora somente à dimensão espacial, como costumam fazer os órgãos de estatística oficiais ou muitos autores, não são suficientes para explicar as causas que definem o comer enquanto uma prática 'dentro' ou 'fora'. Assim, se faz necessário explorar outras dimensões, além de 'desconstituir' geneticamente os conceitos que delimitam essas definições, para então propor algo cientificamente mais consistente, tanto empírica quanto teoricamente.

Deste modo, concluímos que a prática do comer fora é melhor conceituada a partir de três dimensões: os menus (conteúdo), os espaços (local de preparo e consumo) e a sociabilidade (companhia). Todas essas três dimensões devem ser analisadas, ainda, sob o prisma das rotinas, por meio da qual as práticas sociais se reproduzem (dentre elas o comer), ou seja, “[...] os corpos são movidos, os objetos são manipulados, os sujeitos são tratados, as coisas são descritas e o mundo é entendido” (Reckwitz 2002b, pg. 250, tradução livre).

Como resultado chegamos a uma tabela – mesmo que limitada em termos de outras possíveis categorias que ainda possam ser criadas –, onde analisamos essas três dimensões de forma concatenada a alguns casos empíricos, buscando definir as práticas do comer dentro e fora como um *continuum* – assim como proposto por Racionero e Lizcano (2018) –, porém, demonstrando as causas que levam os indivíduos a entrarem em contradição quando definem a prática do comer fora. Conquanto, propomos que a grande maioria das práticas em que se come correspondem ao comer fora, sendo que somente em uma única situação o comer dentro se apresenta de forma ‘pura’ – quando se come em casa (espaço), com o núcleo familiar próximo (família ou amigos) um conteúdo já conhecido (menu) – sendo que as matizes sob as quais essas práticas se apresentam oscilam em termos de gradações e níveis hierárquicos, ora o ‘fora’ se sobressaindo, ora o ‘dentro’, porém quase sempre de forma dual e relacional, porém não excludentes.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L.; SCHUBERT, M. N.; SCHNEIDER, S. Eating out in Brazil today. **Revista Española de Sociología** (RES), v.27, nº 2, 2018, pp. 281-299.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. Editora brasiliense, São Paulo, 1990.

BOURDIEU, P.; CHAMOREDON, J.; PASSERON, J. **Ofício de sociólogo: metodologia de pesquisa na sociologia**. Editora Vozes, 2015 [1968].

COLLAÇO, J. H. L. Restaurantes de comida rápida, os *fast-foods*, em praças de alimentação de *shopping centers*: transformações no comer. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 33, 2004, pp. 1-21.

_____. Um Olhar Antropológico sobre o Hábito de Comer Fora. **CAMPOS - Revista de Antropologia Social**, vol. 4, Paraná, 2003, pp. 171-193.

DÍAZ-MÉNDEZ, C.; ESPEJO, G. I. La relación entre la alimentación fuera del hogar y la obesidad: Un estudio sociológico del caso español. **Revista Española de Sociología** (RES), v.27, nº 2, 2018, pp. 251-266.

DÍAZ-MÉNDEZ, Cecilia; *et al.* Hábitos alimentarios de los españoles. **Ministério de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente** (MAGRAMA), Madri, Espanha, 2013, 157p.

ETZIONE, Amitai; BLOOM, Jared. **We are what we celebrate: understanding holidays and rituals**. New York University Press, New York, 2004.

FISCHLER, Claude. Gastro-nomía y gastro-anomía. Sabidura del cuerpo y crisis biocultural de la alimentación moderna. **Gazeta de Antropología**, Nº 26(1), 2010, pp. 1-19.

- GALINDO, Flávia, L. O. C. **Comendo Bem, que Mal Tem?** Um Estudo Sobre as Representações Sociais dos Riscos Alimentares. 2014. 256f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, 2014.
- GOODY, Jack. Industrial food: Towards the development of a world cuisine. *In*: COUNIHAN, Carole; ESTERIK, Penny, V. **Food and Culture**. Routledge, New York/EUA, 2013, pp. 72-90.
- JULIER, Alice P. Meals: "Eating in" and "Eating out". *In*: MURCOTT, Anne; BELASCO, Warren; JACKSON, Peter. **The handbook of food research**. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2013, pp. 338-351.
- LUND, Philip. Eating out: statistics and society presidential address. **Journal of Agriculture Economics**, Vol. 49, Nº 3, 1998, pp. 279-293.
- ORFANOS, Philippos; et al. Eating out of home: energy, macro- and micronutrient intakes in 10 European countries. The European prospective investigation into cancer and nutrition. **European Journal of Clinical Nutrition**, 63, 2009, pp. 239-262.
- POULAIN, Jean-Pierre. A dieta contemporânea na França: " Desestruturação ou Comensalismo a Alimentação Vagabunda ". **Revista Contextos da Alimentação**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2012.
- RACIONERO, Paloma H. "¿Y qué pongo hoy para comer?" pautas de socialización alimentaria y aprendizajes culinarios DÍAZ-MÉNDEZ, Cecilia. **¿Cómo comemos?: Cambios en los comportamientos alimentarios**. Fundamentos, Madrid, 2005, pp
- RACIONER, P. H.; LIZCANO, E. Los significados de comer fuera. **Revista Española de Sociología (RES)**, v.27, nº 2, 2018, pp. 237-249.
- RECKWITZ, Andreas. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, Vol. 5, Nº 2, 2002b, pp. 243-263.
- PADDOCK, J.; WARDE, A.; WHILLANS, J. The changing meaning of eating out in three English cities 1995–2015. **Appetite**, v. 119, nº 1, pp. 5-13, 2017.
- RIAL, Carmen Silvia. *Fast-foods*: a nostalgia de uma estrutura perdida. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, Vol. 2, Nº 4, 1996, pp.94-103.
- SCHUBERT, M. N.; SCHNEIDER. S.; DÍAZ-MÉNDEZ. O come fora de casa no Brasil, Reino Unido e na Espanha: uma revisão das bases de dados estatísticas e perspectivas para comparação. **Estudos Sociedade e Agricultura**, junho de 2017, vol. 25, n. 2, p. 276-304.
- SPANG, Rebecca L. **A invenção do restaurante**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2003.
- SOUTHERTON, Dale; DÍAZ-MÉNDEZ, Cecilia; WARDE, Alan. Behavioural Change and the Temporal Ordering of Eating Practices: A UK–Spain Comparison. **International Journal of Sociology of Agriculture and Food**. Vol. 19, Nº. 1, 2011, pp. 19–36.
- SOUTHERTON, Dale. Habits, routines and temporalities of consumption: from individual behaviours to the reproduction of everyday practices. **Time & Society**, Vol. 22, Nº 3, 2012, pp. 335-355.
- WARDE, Alan. **The practice of eating**. Cambridge: Polity, 2016.
- WARDE, Alan; MARTENS, Lydia. **Eating out: Social differentiation, consumption and pleasure**. Cambridge University Press, New York/USA, 2003.
- WOOD; Roy C. Dinning out in the urban context. **British Food Journal**, Vol. 94, Nº 9, 1992, pp. 3-5.

_____.Dinning out on Sociological neglect. **British Food Journal**, Vol. 96, N° 10, 1994a, pp. 10-14.